

Sun Yuqi e Sérgio Capparelli: história de uma tradução

Paulo de Tarso Cabrini Júnior

Resumo: *Relato sentimental de uma leitura dos Poemas Clássicos Chineses, tradução de Sérgio Capparelli e Sun Yuqi. Lançado em 2012, pela editora L&PM de Porto Alegre, Brasil. O livro contém uma tradução de três poetas máximos da Literatura Chinesa, a saber: Li Bai, Du Fu e Wang Wei (todos eles da dinastia Tang, séc. VIII d. C.). O livro dos tradutores brasileiros será tratado com múltiplas referências ao clássico de Lao Tzu 老子 o Tao Te Ching 道德經 séc. VI a.C.), e ao poema do escritor português Camilo Pessanha (1867-1926), “Ao longe os barcos de flores” (1899).*

Palavras-chave: *Tradução, Literatura chinesa, Sérgio Capparelli, Sun Yuqi, Poemas Clássicos Chineses.*

Tudo começou em novembro (?) de 2012, quando tive de empreender uma viagem de Duartina a Campinas, no Estado de São Paulo, Brasil.

Estava na Rodoviária de Bauru, aguardando o ônibus, ou comboio, e, advertidamente, me surpreendi de encontrar o livro *Poemas Clássicos Chineses*, bem à minha frente, distante, na prateleira giratória ao fundo da livraria costumeira.

Uma voz já tinha me dito: “Não leve livro algum!” Mas, eu tinha embolsado dois, talvez, desconfiado, porém, de que teria uma surpresa, e a surpresa foi esta: “Não falei?... Você encontraria este livro, para ler na viagem. Não precisava trazer outros, de casa”.

Não obedeci àquela voz. Portanto, o livro não coube tão bem na bolsa...

No entanto, para dizer a verdade, pouco ficou ali. Pus-me a lê-lo, imediatamente, enquanto esperava o ônibus.

Fiquei feliz, em primeiro lugar, pelo fato de o livro ser uma edição muito recente. Era como se os meus interesses tivessem sido renovados.

Não conhecia os tradutores, nem havia ouvido falar de Leonardo Fróes, autor do belíssimo prefácio, que já li, no ônibus. Tudo me causava, porém, uma ótima impressão, desde a capa, até a contracapa. E o fato de ser uma edição bilíngue acabava de rematar o valor que eu atribuía ao livro.

Eu me lembro: na altura de Rio Claro, chovia. A chuva foi uma constante de toda a viagem. Mas, não era uma forte chuva, e sim constante, fraca, como um orvalho rápido, que tornou coloridas as gotas sucessivas no vidro – porque estávamos em estrada, e à beira de uma grande cidade. Nessa policromia, os meus olhos pousavam como em constelações de um espaço muito próximo, tão próximo, que as estrelas e planetas, asteroides e galáxias se viam em suas formas coloridas de fótons, gases, substâncias, e, principalmente, olho.

Mas, o meu olho também pousava sobre o texto a respeito de Li Bai (李白), um dos príncipes da poesia chinesa.

Com isso sonhei, durante a viagem.

Somente retomei o livro quando estava em casa. Então, numa tarde, li, recostado à cama, o poema “Adeus a Meng Haoran” 黄鹤楼送孟浩然之广陵 *Huángbèlóu sòng Mèng Hàorán zhī Guǎnglíng*, de Li Bai.

Imediatamente, veio-me à lembrança o meu amigo, Alexandre.

Alexandre gostaria de receber esse poema...

“Adeus a um amigo que parte”. Esse, também, agradaria ao Alexandre.

Não enviei os poemas; mas, se os enviar convenientemente, creio que o meu amigo compreenderá a sinceridade daquele sentimento, expresso por Li Bai.

Quando a minha leitura chegou ao poema “Escutando uma flauta em Luoyang” 春夜洛城闻笛 *Chūnyè Luòchéng wén dí*, meus sentidos buscaram, de imediato, aquele velho poema cintilante de Camilo Pessanha (1867-1926). Aquele poema com o qual tenho lutado por anos, vendo nele uma conexão com o capítulo 5 do *Tao Te Ching* 道德經 *Dàodé jīng*:

天地不仁，以萬物為芻狗；
 聖人不仁，以百姓為芻狗。
 天地之間，其猶橐籥乎。
 虛而不屈，動而愈出。
 多言數窮，不如守中。

O que me chama a atenção, e a de muitos tradutores, é a palavra 籥 *yùè*, que muitos traduziram, propriamente, como “flauta”, e outros traduziram, não sem

propriedade, como “fole”. Certa pessoa chegou a me dizer que a palavra designava um antigo instrumento musical chinês, que funcionava à maneira de um fole, e que podia ser deixado ao vento, ao acaso, para que alguma música ocasional fosse tocada pela Natureza. Uma bela ideia, certamente. Mas, fiquemos com a tradução “flauta”, assim, como aparece na tradução de Richard Wilhelm:

Céu e Terra não são bondosos.
 Para eles, os homens são como cães de palha, destinados ao sacrifício.
 O Sábio não é bondoso.
 Para ele, os homens são como cães de palha, destinados ao sacrifício.
 O espaço entre o Céu e a Terra
 É como uma flauta;
 Vazia, ainda assim, inexaurível;
 Soprada, mais e mais sons produz.
 Porém palavras em demasia se esgotam ao serem proferidas.
 O melhor é guardar o que está no coração.

É muito frequente que os capítulos do *Tao Te Ching* pareçam se referir a mais de um assunto, em seu corpo, e esse parece ser esse o caso. O que a “flauta” teria a haver com os “cães de sacrifício”?

É possível que Lao Tzu 老子 *Laozi* (séc. VI a.C.) tenha querido dizer que: o **Tao** cria os homens, assim como a flauta cria os sons. Não tem cuidados especiais com nenhum deles. Apenas cria, espontaneamente. Não é benevolente, por criar – e não exige nada, em troca de sua criação.

É possível pensar assim. Mas, tomemos o belíssimo poema de Camilo Pessanha, escrito, como diz, em “Cantão, Hotel em Ilha-Min, 1899” (v. FRANCHETTI, 1994, p. 203):

Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viuva, gracil, na escuridão tranquilla,
 – Perdida voz que de entre as más se exila,
 – Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
 E os lábios, branca, do carmim desflora...
 Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viuva, gracil, na escuridão tranquilla.

E a orchestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
 Cauta, detem. Só modulada trila
 A flauta flebil... Quem ha-de remil-a?
 Quem sabe a dôr que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

O “Hotel em Ilha-Min”, pensamos, na verdade seria um hotel na ilha Shamián, ou Shameen (沙面島), antiga possessão anglo-francesa em Guangdong. Mas, assim como a dedicatória a Ovídio de Alpoim, esse é um detalhe menos importante da escritura. Concentremo-nos no presente: “Ao longe, os barcos de flores”; sabemos que os “barcos de flores” eram os prostíbulos flutuantes, que, então, abundavam no sul da China. Seu apelido se refere, a um tempo, às moças que nele se empregavam, e aos enfeites que os coloriam (cf. RAMOS).

Imagino que a visão desses barcos, principalmente à noite, devia ser uma visão quase fantástica, a que se somava o barulho da festa. Essa “fantasmagoria”, ou “charm”, é evocada no poema de Pessanha, cuja voz de encontra longe, apartada do ruído do mundo e do prazer.

Há o som de uma flauta. Incessante, entre o ruído alto do mundo. Será a “voz” do poeta, que, como no poema de Li Bai, lamenta (porém, sem dizê-lo) o apartamento de sua terra natal? Ou, será a voz incessante do *Tao*, que cria todos os seres?...

O poema de Li Bai diz:

春夜洛城闻笛

谁家玉笛暗飞声，
 散入春风满洛城。
 此夜曲中闻折柳，
 何人不起故园情。

Na tradução de Sérgio Capparelli e Sun Yuqi:

Escutando uma flauta em Luoyang

Quem faz soar essa flauta,
 tocando em algum lugar,
 e espalhando essa melodia
 que a brisa da primavera

leva até o povoado de Luo?
 Quem, nesta noite,
 ouvindo essa canção antiga,
 percorrendo os galhos do salgueiro
 deixaria de pensar
 no seu país natal?

Camilo Pessanha foi, como sabemos, um grande admirador da cultura chinesa, ainda que alguns de seus textos revelem um ressaibo do pensamento “darwinista social” de sua época. É pouco provável, como *dilletanti* da sinologia, que não conhecesse o *Tao Te Ching*, e menos provável, ainda, que não conhecesse a grande poesia de Li Bai.

Como jogo exegético, proponho meditar-mos nesse aparecimento da “flauta” nestas três peças: a de Li Bai, a de Camilo Pessanha e a do *Tao Te Ching*. Não sairemos em demasia do nosso assunto principal. Afinal, a tradução de Sun Yuqi e Sérgio Capparelli, motivo deste artigo, nos leva a paragens variadas. Além do mais, não pretendemos nos demorar onde pousarmos. Bastará dizer que o poema de Camilo Pessanha, como todo bom poema, é poliédrico, policrômico, admitindo interpretações várias, como a que faz do rio a “flauta” aludida nos versos, um rio correndo, incessante, para longe do barulho do mundo que vai sobre si e que se deixa levar em seu marulho “viúvo”, porque dissociado do “Céu” (天), seu consorte.

Essa leitura pode ser reforçada por uma visualização do poema em que o verso “Só, incessante, um som de flauta chora” representaria o “rio”, e vemos, na sua correnteza, dois “barcos de flores” flutuando:

Só, incessante, um som de flauta chora,

Viuva, gracil, na escuridão tranquilla,
 – Perdida voz que de entre as más se exila,
 – Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões scintilla

E os labios, branca, do carmim desflora...
 Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viuva, gracil, na escuridão tranquilla.

E a orchestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
 Cauta, detem. Só modulada trila
 A flauta flebil... Quem ha-de remil-a?
 Quem sabe a dôr que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

Cintilações na noite: assim são as vidas humanas, no conhecido pessimismo do poeta, sempre amargurado com “a morte de Deus”, de Nietzsche, sua contemporânea.

E obcecado por sua terra natal, como Li Bai, que ouve, ou pensa ouvir o seu chamado distante.

Os céus não são bondosos. A terra não é bondosa. Para eles, os homens são simulacros para a imolação nos templos.

No entanto, a criação da vida não cessa. A “flauta” está sempre modulando novos sons.

Por quê? Para quê?...

“Palavras em demasia se esgotam ao serem proferidas. O melhor é guardar o que está no coração.” (*Tao Te Ching*, Cap. 5).

Há um porquê. Mas, quem sabe, não fala, e quem fala, não o conhece (*idem*, Capítulo 56). O “segredo de cuja profundidade brotam todas as coisas” é “obscuro” (WILHELM, p. 135).

E obscura é, também, a “flauta” de Camilo Pessanha.

Du Fu (杜甫) é quem vem em seguida, no livro de Capparelli e Yuqi.

Estávamos sentados nos belos jardins internos da Diretoria de Ensino de Bauru, à espera do nosso recrutamento, e foi muito apropriado levar o livro, para dar prosseguimento à leitura sob as grandes árvores. As flores vermelhas e amarelas do “flamboyant”, caídas ao chão, invadiam graciosamente o olhar que lia a página branca, tentando decifrar e escandir os delicados caracteres chineses que transportavam àqueles tempos de carestia, belissimamente transmutada em filigranas de espiritual sentido.

A escolha dos poemas, no livro, revela muito claramente as diferenças entre Li Bai e Du Fu: este, mais terreno, familiar, dolorido, às vezes; aquele, mais etéreo, independente, saudosos do Céu de onde veio.

Finalmente, novamente, no aconchego do lar, com as crianças queridas brincando na sala, recosto-me à cama, leio Wang Wei (王维), o último poeta.

Não conhecia Wang Wei; e, ler a sua pequena nota biográfica, me fez feliz, por haver, assim, no mundo, pessoas como ele.

Dos três poetas, Wang Wei é o mais convidativo. Enquanto Li Bai parece estar muito distante do mundo, e Du Fu, preso demais pelas agruras da vida, Wang Wei é aquele que parece ter encontrado a paz perfeita, e, tendo-a encontrado, é natural que nos convide:

Atrás dessa vida tranquila,
um dia aqui cheguei;
e, suspirando, lhe digo:
se tudo vai de mal a pior,
venha e fique também.

Belíssimo passeio pela poesia chinesa. Do Céu de Li Bai, à vida terrena de Du Fu, e, daí, à montanha de Wang Wei, de onde dificilmente queremos voltar.

Esta foi a história de uma tradução.

Referências

FRANCHETTI, Paulo. *Clepsydra: poemas de Camilo Pessanha. Edição crítica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LAO TZU. *Tao Te Ching*, tradução de Margit Martincic, a partir da versão alemã de Richard Wilhelm. São Paulo: Pensamento, [s/d].

PESSANHA, Camilo. *Contos, crônicas, cartas escolhidas e textos de temática chinesa* [Organização e notas de Antonio Quadros]. Sintra: Europa-América, 1988.

Poemas Clássicos Chineses, tradução e organização de Sérgio Capparelli e Sun Yuqi. Porto Alegre: L&PM, 2012.

RAMOS, Manuela Delgado Leão. *Antonio Feijó e Camilo Pessanha no panorama do orientalismo português*. Disponível em: <http://manueladramoslivro2001.wordpress.com/indice/5-camilo-pessanha-orientalizado-e-dilletanti-da-sinologia/>. Acesso em 06 de fevereiro de 2013.